

**DECRETO N.º 3948, DE 27 DE OUTUBRO DE 1971****Dá denominação à vias públicas da cidade de Campinas:**

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969

**DECRETA:**

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

I — CACIQUE PIQUEROBI — a rua 2 da Vila Ypê, com início na Estrada Estadual Campinas-Valinhos e término na rua 3 do mesmo loteamento.

II — CAMPOS DE PIRATININGA — a rua 3 da Vila Ypê, com início na rua 2 e término na Vila Hípica.

III — CACIQUE CAIUBI — a rua 4 da Vila Ypê, com início na rua 5 e término na rua 2 do mesmo loteamento.

IV — BARTIRA — a rua 5 da Vila Ypê, com início na Estrada Estadual Campinas-Valinhos e término na rua 4 do mesmo loteamento.

V — MECIAÇU — a rua 6 da Vila Ypê, com início na rua 5 e término na Vila Hípica.

VI — PARAGUAÇU — a rua 7 da Vila Ypê, com início na rua 6 e término na rua 1 do mesmo loteamento.

VII — PERI — a rua 8 da Vila Ypê, com início na rua Agnaldo Macedo e término na rua 6 do mesmo loteamento.

VIII — CECI — as ruas a serem unificadas: a rua 20 do Jardim das Oliveiras — 3.ª parte — com início na rua José P. dos Santos e término na rua Agnaldo Macedo: rua 10 da Vila Ypê, com início na rua Agnaldo Macedo e término na rua 6 da Vila Ypê.

IX — CACIQUE TIBIRIÇÁ — a rua 17 do Jardim Eulina, com início na rua 8 e término na rua 9 do mesmo loteamento.



Martim Afonso de Souza, era um português das mais nobres famílias de sua terra, que foi encarregado de a colonização no Brasil e que, em 3 de dezembro de 1530, uma armada comandada por seu irmão Pedro Lopes de Souza partiu de Lisboa com destino à nossa pátria.

Essa armada era composta de cinco velas e trazia 400 homens.

Martim Afonso teve, além do encargo de reconhecer nos mares do sul o rio descoberto por Solis, o de dirigir as colônias que fundasse.

Em 12 de agosto de 1531, aportou Martim Afonso à ilha do Abrigo, junto da de Cananéia. Em vista de tempestades que reinaram naqueles mares, desistiu Martim Afonso de sua ida ao Rio da Prata, dando tal incumbência ao seu irmão Pedro Lopes, e retrocedeu para o norte entrando em 21 de janeiro de 1532 na enseada de Guarapissamã, e fundeando a 22 na costa oriental da ilha Inhamã-Guassú, cujo nome foi mudado para S. Vicente, por ser o dia desse santo.

A ilha Guaymbé que, com aquela, forma a dita enseada, recebeu o nome de S. Amaro, derivado do orago da população levantada aí mais tarde pelo seu donatário Pedro Lopes de Souza.

Mandou Martim Afonso construir uma casa forte para alojar a gente, que recebeu a artilharia necessária.

Sabendo o cacique Tibiriçá, nos campos de Piratininga, da invasão dos seus domínios, fez juntar a sua gente disposto a repelir os invasores.

João Ramalho, naufrago português e casado com Bartira, filha do régulo Tibiriçá, sabendo também do ocorrido e da construção da casa forte, calculou que não poderia ser senão portugueses os desembarcados, desfez a má impressão que tal fato causou no espírito do cacique induzindo-o mesmo a dar bom acolhimento aos portugueses e, no momento em que Caiubi, segundo chefe da Confederação Indiana, composta dos Carijós, Guaianases e Tupis ia investir para o forte, fez-lhe ver a vontade do régulo.

(Extraído de fls. 50, 51 e 52 do livro "A História de São Paulo ensinada pela Biografia" de Tancredo do Amaral, editada por Alves & Cia., Editores, edição de 1895).



# PRAÇA COAQUIRA

VIDA  
E GLORIA  
DAS RUAS  
E PRAÇAS  
DE  
SÃO PAULO

## O "FIM DO MUNDO" — O ATAQUE DOS TAMOIOS E O PADRE ANCHIETA

**C**OAQUIRA!

Coaquira, num impulso de odio cego, ergueu, de repente, sua enorme clava para abater, de um só golpe, o humilde abateé...

Foi isso em Iperoig, a 5 de maio de 1563...

Nesse tempo São Paulo era ainda um simples povoado. São Paulo de Piratininga. Mas já lá estavam as terras que constituíam, para muitos, o chamado "fim do mundo", que é hoje o fidalgo Pacaembu. Quando aos sábidos monges de São Bento foram doadas terras "para sempre" e até "o fim do mundo", lá se encontrava o "pacambu" com suas sussuaranas traçoceiras e sua índiada enfurecida. E assistiu ele, depois, às constantes andanças de Cunhambebe, o destemido guerreiro que não esquecia nunca a sua borduna e vivia à cata de gente branca para com ela saciar sua fome de carne humana, como acontecera em 1590, com a infeliz "bandeira" de Antonio Arenso e mais o filho de Martim Afonso.

Diz a historia que, em começos de 1735, o governador expedira um mandado determinando a abertura de um caminho para o "pacambu". E acrescentava: "um caminho que vá do Amboasora comendo do porto geral the o pacambu".

Depois, foi Luis Rodrigues Villares quem se apossou — não registra a historia como — de grande area, ali. E por fim, chegou a vez de d. Tomás de Molina, opulento fidalgo lherico, que se tornou em 1830 uma das figuras mais elegantes e queridas da Paulista da época. E também ele teve, ali, uma ampla chacara.

Depois disso, a proclamação da República, o chamado Quatro Centos de São Paulo, o Irismamento, passou a estender seus tentáculos progressistas pelas áreas mais afastadas. E essa onda de realizações atingiu, mais tarde, o santuoso Jardim America, indo mesmo alcançar, lá longe, o então agreste Pacaembu. E aquela area foi lotada e arrendada, com louvável senso urbanístico. E alem das varias ruas e loges que surgiram, uma praça publica se delimitou, por força das circunstâncias, e a ela deram o nome de um indio-Coaquira.

### HOJE...

Hoje esta praça, se não apresenta requisitos que a tornem alegre e atraente no entrelaçamento do seu bairro magnifico, se se mostra quase nua, tal qual uma banana sem casca, se não tem uma pobre flor para encantar os olhos dos passantes liricos, nem uma fonte, nem um monumento, nem um lago decorativo, nem um simples banco para um corpo cansado, apresenta, no entanto, um conjunto de belas arvores e um acolhedor encantamento de natureza prodiga, viva, trecebante de simplicidade bucolica, que a todos sempre agrada.

E bem que pode ainda se vangloriar das habitações poeticas, de linhas romanticas e gracioso conjunto arquitetônico, que artisticamente a contornam. E alem disso, há a moldura dos jardins e parques bem cuidados. E praça sem adorno, mas que fala à alma sonhadora dos simples.

Coaquira!

### O GARRIBO

Foi a 10 de julho de 1662, o povoado ambrnhacera em pé de guerra. Os temíveis tamoiós, comandados por Jagoanhara, investiram, de surpresa, contra a nobre povoação. E aos sons das inúlitas de guerra, foram feridos e matando. E lá força-

o proprio Jagoanhara, chefe da turba. E como um gigante invencível, de um só golpe de borduna, prostra morto, o terrível selvagem. E em seguida, outros guerreiros foram caindo aos pés do grande chefe, feridos de morte pelo seu braço potente. Afinal, os poucos que restam fogem, espavoridos, mas jurando vingança.

Chegara então a vez do invencível Coaquira, que tinha a sua taba em Iperoig. E aliado a Pindobuçu, a Aimberé e a Cunhambebe, trata ele de organizar a chamada Confederação dos Tamoiós. O objetivo era um só: arrasar São Paulo de Piratininga e trucidar toda a sua gente.

Foi então que Nobrega e Anchieta se dispuseram com rispeza própria vida, a entender-se com Coaquira, em sua lingua e em sua taba. Foram recebidos de honra. Coaquira, num impulso de odio, ergue a sua clava para abater Anchieta. Mas o humilde abateé lhe fala tão suavemente, tão pedesamente, que afinal consegue abster, para si e para todos da povoação de Piratininga, a perda do chefe antropofago. E dentro de mais dias — dias em que Anchieta se tornara refem enquanto Nobrega agia — foi estabelecida, entre os indios todos e todos os

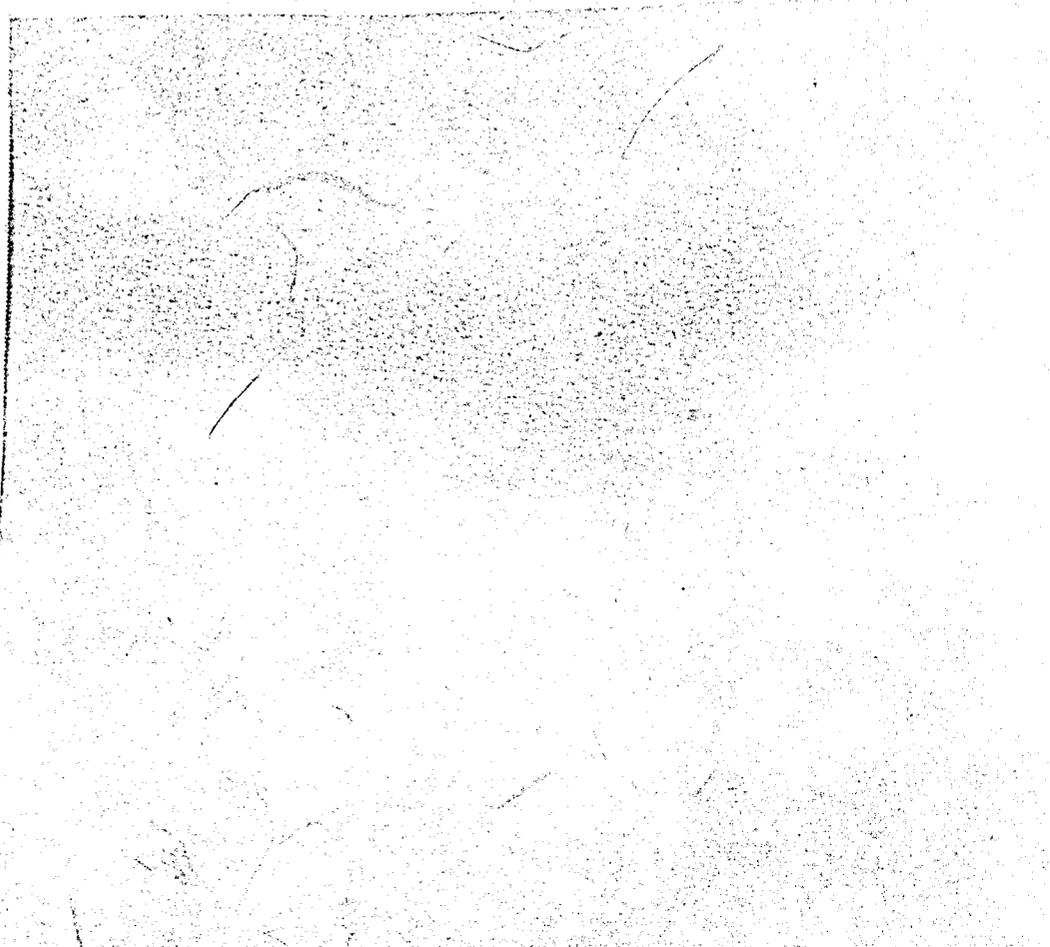
vam a porta da igreja, onde, apavoradas, as mulheres e as crianças se escondiam quando Tibirica, acorreu, com sua gente, em defesa da povoação. As flechas caíam em seus arredores, e as facas vibravam tragicamente, quebrando braços, arrebatando ombros, esmigalhando crânios. Mas o velho Tibirica salta, em pulso de onça, e destemidamente enfrenta

os tamoiós de Piratininga, a 10 de julho de 1662.

E Coaquira, um dos valerosos chefes das confederações dos Tamoiós — se transformou assim e conseguiu, em defesa de Piratininga de São Paulo e da gente paulista.

E desde então, o velho Tibirica não mais se esqueceu do seu grande amigo e defensor — o valente chefe Coaquira, cujo nome é hoje o daquela praça nua, do bairro do Pacaembu.

Coaquira!



A MARGEM DA HISTÓRIA

TIBIRIÇÁ SALVA  
SÃO PAULO10.7.1562<sup>2</sup> BRASIL BANDECCHI

Há, exatamente, 400 anos, S. Paulo vivia momentos da maior apreensão. Os tamoiós, confederados, ameaçavam destruir a vila que os jesuítas, na propagação da fé, haviam fundado no Planalto, como marco avançado da civilização que aqui começava a florescer. Tudo iria por terra naquele mês de julho de 1562, tal era o furor do adversário, e tão poucos eram os meios de defesa dos piratiniganos. No dia 3 chegou a notícia do ataque iminente. O aviso fora dado por um índio.

Era preciso reunir gente para rechazar o inimigo. O índio Tibiricá foi alma e o braço que reuniu forças para salvar São Paulo.

Anchieta, na carta data de 16 de abril de 1562, conta que o grande cacique "juntou logo toda sua gente, que estava repartida por três aldeias pequenas, desmanchando suas casas, e deixando todas as suas lavouras para serem destruídas pelo inimigo." Cinco dias os paulistanos esperaram o ataque. Tibiricá não descansava e rogava pelas ruas para que todos os dispusessem a defender a igreja e a escola que ali tinham sido erguidas para educar seus próprios filhos.

No dia 9 (alguns escritores assinalam dia 10) o inimigo surgiu. Corpos pintados e aspecto feroz. Dois dias durou o cerco e nesses momentos de incerteza, enquanto os homens lutavam, as mulheres e as crianças, na igreja, rezavam.

Feram, por fim, os índios desbaratados graças, principalmente, a Tibiricá.

No mesmo ano, no dia 25 de dezembro, Tibiricá morria. E na mesma carta em que Anchieta descreve os sucessos do cerco de julho, narra também a sentida morte do defensor da vila.

Neste ano do 4.º Centenário da Morte de Tibiricá, não é demais publicar, ainda uma vez, e quantas se tornar necessário, o tópico consagrador que floresceu da pena do Santo do Brasil:

"Ficou toda a Capitania com grande sentimento de sua morte (de Tibiricá) pela falta que sentem, porque este era o que sustentava todos os outros, conhecendo-se-lhe muitos obrigados pelo trabalho que tomou em defender a terra; mais que todos creio que lhe devemos nós os da Companhia, e por isso determinou dar-lhe em conta não só de benfeitor, mas ainda de fundados e conservador da Casa de Piratininga e de nossas vidas; porque havendo de ajudado a fazê-la com suas próprias mãos, e havendo-nos ajudado a sustentar logo em princípio de sua fundação, quando não haviam portugueses alguns, agora, o quis fazer Deus nosso defensor, o pôs em sua mão a vida de dez irmãos, que no tempo da guerra nos achavamos em Piratininga, e todo o mais povo dos Portugueses e pôs em suas mãos, digo, porque quase todos os daquela Comarca, que se recolhiam conosco, dependiam dele; e se quisesse xingar na maldade dos seus (como eles mal pensavam) pouco houvéra de fazer em nos matar e comer."

Neste mês, portanto, comemoramos o 4.º Centenário da salvação de São Paulo ameaçado pelos tamoiós, e em dezembro, 400 anos da morte de um dos fundadores desta nossa gloriosa cidade, o cacique Tibiricá, que foi também o seu principal defensor naquela dura contingência.



## CACIQUE TIBIRIÇÁ

TEBERYCA (tibiriçá) - Faleceu a 25 de dezembro de 1562, vítima de uma prolongada enfermidade de "câmaras de sangue", sendo sepultado no Colégio de São Paulo em funeral feito com toda a pompa compatível com os recursos daquela época.

"Era assim chamado o índio chefe de uma parte da nação "Guaianaz", estabelecida nos campos de Piratininga, convertido e batizado com o nome de Martin Afonso a esforço dos padres Anchieta e Leonardo Nunes. Tibiriçá era irmão de Araraí, chefe dos Tupís e Carijós, que confederados com uma parte dos Guaianazes acometeram à vila de São Paulo a 10 de junho de 1562, e foram derrotados pelos esforços e bravuras combinados dos padres jesuítas e daquele Tibiriçá. A boa índole e energia de Tibiriçá e ao seu esforçado concurso deveu Martin Afonso de Sousa uma boa parte do progresso da Capitania de São Vicente em seus primeiros anos.

Amigo dedicado do donatário, Tibiriçá tomou o seu nome em batismo, quando convertido ao grêmio da religião católica" (Azevedo Márques).

O Padre Anchieta, em carta de 16 de abril de 1536, comentou sua morte: "...Ficou toda a Capitania com grande sentimento de sua morte pela falta que sentem, porque este era o que sustentava os outros, concedendo-lhes muitos obrigados pelo trabalho que tomou de defender a terra..."

(De "O Estado de S. Paulo" de 25-dezembro-1978).